

# Textos de Apoio II

---

MAXIMIANO, Antônio César. Introdução à Administração. São Paulo, Ed. Atlas, 1995. Pág.48/53

## O que é uma teoria

Uma teoria é um conjunto de proposições que procuram explicar os fatos da realidade prática. Teoria é uma palavra elástica que [...] define também princípios e doutrinas que orientam a ação dos administradores.

As principais escolas da administração são as seguintes:

### I – Escola Clássica

- Taylor e o movimento da administração científica;
- Henry Ford e a linha de montagem;
- Fayol e o processo de administração;
- Weber e o tipo ideal de burocracia.

### II – Escola Comportamental

### III – Pensamento sistêmico

Essas escolas apresentam as ideias fundamentais da administração, a partir das quais desenvolveram-se as novas tendências.

Entre muitas outras contribuições importantes do passado, todo estudante de administração deve conhecer pelo menos os fundamentos das ideias dos gregos, dos romanos e das organizações militares. Também faz parte da moderna educação administrativa o conhecimento das figuras como Sun Tzu (*A arte da Guerra*), e Maquiavel (*O Príncipe*).

## 1 – Grécia

No séc. V a.C. começou na Grécia um fértil período de produção de ideias que viriam a influenciar profundamente a prática da administração. Muito mais que isso, as ideias dos gregos contam-se entre as mais importantes contribuições para a civilização. Eis algumas dessas ideias:

Democracia: há 2.500 anos os gregos inventaram e implantaram a administração democrática de suas cidades-estados. A democracia participativa foi uma grande inovação, numa época em que os monarcas governaram segundo os interesses de aristocracia (o governo dos poucos que detinham a maior parte das riquezas).

Ética: no diálogo “*O Político*”, Platão defende a ideia de que a responsabilidade fundamental dos políticos (os administradores da polis, a cidade) era promover a felicidade dos cidadãos. Administrar a cidade segundo os princípios da ética absoluta, de acordo com os interesses dos cidadãos, é uma proposição de todos os filósofos gregos.

Qualidade. Entre os gregos, qualidade era o ideal da excelência, ou *aretê*. Excelência é a característica que distingue algo pela superioridade em relação aos semelhantes e depende do contexto. Para o cavalo de corrida, é a velocidade. No homem, é a superioridade moral, intelectual e física. Para Platão, o teste básico de qualquer ação pública consistia em perguntar: isso faz os homens melhores do que eram antes. Qualidade como sinônimo de melhor e de nível mais alto de desempenho são conceitos que continuam atuais depois de séculos.

## 2 - Roma e a Igreja Católica

Princípios e técnicas de administração construíram e mantiveram Roma, durante seus 12 séculos de existência, como monarquia, república e império. A capacidade de construir e manter o domínio sobre o que hoje é a Europa comprova as aguçadas habilidades administrativas dos romanos. Construção e administração do Império: Roma apresenta o primeiro caso no mundo de organização e administração de um império multinacional.

Para cuidar desse império, os romanos criaram diferentes tipos de executivos: reis, imperadores, césares, cônsules, magistrados e outros.

*Grandes empresas.* A tributação das cidades era uma das principais fontes da receita do Estado. Os coletores de impostos (publicanos) arrendavam o direito de recolher os impostos e assumiam a obrigação de remunerar o Estado. Para explorar esse mercado, criaram-se grandes empresas sob a forma de sociedades por ações.

*Igreja Católica.* À medida que o Império Romano desaparecia, outra organização de grande porte começava a escrever sua história. A Igreja Católica herdou muitas das tradições administrativas dos romanos, a começar pela administração do território. Com suas dioceses, províncias e vigários, a Igreja copiou não apenas o tipo de organização geográfica, mas também a linguagem que os romanos usavam para designar os administradores locais.

### **3 – Maquiavel**

Das muitas contribuições do Renascimento para a Administração, as ideias de Maquiavel (1469-1527) contam-se entre as mais influentes. Sua obra mais conhecida é *O Príncipe*, na qual faz as recomendações sobre como um governante deve comportar-se. Maquiavel pode ser entendido como um analista do poder e do comportamento dos dirigentes em organizações complexas.

A primeira qualidade do príncipe é a qualidade dos homens que o cercam. Maquiavel acredita na importância do trabalho de equipe como o aspecto mais relevante no trabalho do dirigente. O príncipe deveria procurar os colaboradores individualmente mais capazes, que também soubessem trabalhar em conjunto.

Independentemente de sua origem, o governante deveria, pelo exemplo pessoal, inspirar os governados. Em situações de perigo, o príncipe deveria tentar fortalecer o moral e o espírito de seus governados, incentivando-os com o uso de suas qualidades intangíveis de liderança.

MINOIS, Georges. História do futuro - Dos profetas à prospectiva. Editora Unesp, 2016. Pág. 477/479.

## **A Utopia**

Do milenarismo ao cientismo

As filosofias da História, saídas das Luzes, exprimem, em geral, a versão otimista do futuro: a História é guiada por uma força interior, cuja natureza permanece indefinida e conduz de forma inevitável a humanidade para um estágio mais evoluído, como esgotamento das suas potencialidades através das peripécias cuja aparência caótica é enganadora. De modo global, existe progresso e esse progresso é inelutável e por isso se pode predizê-lo com toda a certeza.

Mas o século XVIII, como todas as épocas, revela também a sua face pessimista. Há muitos que se mostram céticos quanto às oportunidades de progresso e estimam que apenas se pode confiar na evolução para melhorar a condição humana. O destino do mundo tem necessidade de um derradeiro toque para se manter na melhor direção e precisa de uma intervenção voluntarista para manter a navegação. Mas para evitar os desvios, não será melhor descrever com precisão o objetivo a atingir? Entramos assim na mentalidade dos utopistas, de que observávamos o longo eclipse durante o tempo dos profetas, na Idade Média. Mas se reaparecem de forma massiva a partir do século XVI e, sobretudo XVII, é largamente por causa da fraqueza desses últimos.

Esse desencanto não atingiu ainda o século XVIII, que se excede em utopias, talvez por acreditar que os amanhãs radiosos são possíveis por um esforço comum da humanidade. Que se afirmem como projetos, reformas ou sociedades ideais, essas utopias revelam sempre um aspecto preditivo, porque contribuem para modelar o imaginário coletivo e por aí entrar nas reivindicações sociais. Mas a utopia é também uma predição que tende para a auto-realização. “A literatura utópica”, escreve Bronislaw Backzo, que muitas vezes não visa nenhum objetivo social preciso e parece perder-se no meio dos sonhos, pode parecer uma simples evasão da realidade, mas é antes uma atividade que se exerce e,

como tal, faz parte da realidade e transforma-a. O seu desenvolvimento e intensificação coloca em movimento as forças latentes e cria outras novas necessidades. Quantos projetos revolucionários não resultaram desses “sonhos” utópicos, cuja dimensão preditiva foi muito bem sentida por Tocqueville? *“Para lá da sociedade real cuja constituição era ainda tradicional, confusa e irregular, em que as leis eram contraditórias, as classes truncadas, as condições fixas e as tarefas desiguais, construía-se pouco a pouco, uma sociedade imaginária em que tudo parecia simples e coordenado, uniforme, equitativo e de acordo com as razões”.*

### Utopia e Futuro

Esse acontecimento relembra, se fosse necessário, a diferença entre a utopia e profecia: a segunda é suposto que se realize por si mesma sem o apoio consciente dos homens, enquanto a primeira apenas pode esperar a sua concretização sob a forma de uma ação política.